

Meditações: XV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

Reflexão para meditar no XV domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: «o mandamento está na tua boca e no teu coração»; somos irmãos em Cristo; uma compaixão concreta.

- «O mandamento está na tua boca e no teu coração».
- Somos irmãos em Cristo.
- Uma compaixão concreta.

UM FARISEU tenta provocar Jesus, perguntando-Lhe algo difícil: qual é a mensagem essencial da Lei e dos Profetas. O Mestre devolve-lhe a pergunta, para que ele próprio responda. Então, o interlocutor acerta ao citar uma frase retirada do livro do Deuterónimo: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27).

A passagem do Deuterónimo citada pelo fariseu faz parte de uma cena que a Igreja proclama na primeira leitura da Missa de hoje. Moisés exorta o povo a amar Deus sobre todas as coisas. Para isso, anima-os dizendo que amar assim não é tão difícil como poderia parecer. O seu raciocínio é o seguinte: «Este mandamento que hoje te imponho não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance. Não está no céu,

para que precisas de dizer: ‘Quem irá por nós subir ao céu, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Não está para além dos mares, para que precisas de dizer: ‘Quem irá por nós transpor os mares, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática». (Dt 30, 11-14).

A que se refere o texto ao dizer que o mandamento do amor está mais próximo do que as alturas do firmamento ou as terras do outro lado do oceano? A resposta intui-se na parábola do bom samaritano, que está prestes a ser narrada no Evangelho. Aí, um homem socorre outro e, ao fazer isso, torna-se seu *próximo*; então compreendemos que o amor a Deus se concretiza no amor àquele que está perto de nós. Vislumbramos, assim, o mistério da

união entre estes dois amores. Como sublinhava São Josemaria: «Num ato qualquer de fraternidade, a cabeça e o coração não podem, muitas vezes, distinguir se se trata de servir Deus ou de servir os irmãos: porque, no segundo caso, o que fazemos é servir Deus duas vezes»^[1].

EM QUE sentido dizemos que amar o próximo é também uma forma de amar Deus? Um professor que ensina bem a sua matéria e favorece a aprendizagem dos seus alunos pode, no final do ano, receber um duplo agradecimento: o das crianças e o dos pais. Do mesmo modo, quando servimos outra pessoa, recebemos igualmente o reconhecimento do nosso Pai Deus. O fundamento desta explicação, que nos prepara para compreender melhor a parábola do

bom samaritano, encontra-se na segunda leitura da Missa.

Jesus Cristo uniu os homens entre si por meio do Seu próprio sacrifício. Desde então, nós, os batizados, somos *irmãos em Cristo* e, por conseguinte, filhos do mesmo Pai. Esta realidade, tão misteriosa quanto sublime, é expressa por São Paulo na carta dirigida aos cristãos de Colossas. Explica que Cristo é o primeiro, o primogénito, a cabeça da Igreja; e que, pelo Seu sangue, restabeleceu a paz tanto nas criaturas da terra como nas celestiais (cf. Col 1, 17-20). Ao unir-nos pelo Seu sangue, Jesus transformou vizinhos em próximos, em irmãos que merecem a nossa compaixão. Por isso São Josemaria tinha um coração tão universal: interessava-se pelo bem e pela salvação de todas as pessoas do mundo; estimava cada uma delas porque via pulsar nelas «todo o sangue de Cristo»^[2].

Todos os santos receberam luzes de Deus para compreender melhor esta verdade. Muitos impulsionaram obras de apostolado, pois perceberam que cuidar dos outros era o mesmo que cuidar de Jesus Cristo. Conta-se, por exemplo, que um visitante, ao percorrer uma casa de caridade dirigida por uma religiosa – dedicada a cuidar de doentes terminais abandonados – exclamou: «É verdadeiramente admirável o trabalho que realizam aqui. Eu não faria isto nem por um milhão de dólares». Ao que a irmã respondeu, com simplicidade: «Nós, também não».

O MESTRE da lei pergunta a Jesus pelo verdadeiro significado da palavra “próximo”. O Senhor decide responder com uma parábola. Um homem desce de Jerusalém – cidade

situada a cerca de 750 metros acima do nível do mar – para Jericó – que está a 250 metros abaixo do nível do mar. Ou seja, o viajante tem de descer mais de mil metros entre um ponto e outro, percorrendo cerca de vinte e cinco quilómetros por um caminho desértico e escarpado. Estas circunstâncias sugerem um ambiente de perigo e incerteza no relato. E, de facto, o caminhante é assaltado e ferido, ficando abandonado à beira do caminho. Um sacerdote e um levita, embora sirvam no Templo de Jerusalém, passam ao largo.

Temeram envolver-se. Apenas um samaritano, membro de um povo historicamente inimizado com os judeus (cf. 2Rs 17), se detém, trata das feridas da vítima e leva-o a uma estalagem para que cuidem dele durante a convalescença. Então Jesus surpreende o fariseu com a pergunta: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos

salteadores?”. O doutor da lei respondeu: “O que teve compaixão dele”. Disse-lhe Jesus: “Então vai e faz o mesmo”» (Lc 10, 36-37).

«A vida é feita de encontros – comenta Leão XIV – e, nestes encontros, revelamo-nos pelo que somos. Encontramo-nos diante do outro, perante a sua fragilidade e a sua fraqueza, e podemos decidir o que fazer: cuidar dele ou fingir que nada aconteceu»^[3]. Provavelmente, no nosso dia-a-dia encontramos pessoas que, como o viajante da parábola, reclamam o nosso cuidado: um pobre que vive na rua, uma idosa que já não se consegue valer por si, um doente que está sozinho... Com esta parábola, Jesus ensina que «a compaixão exprime-se através de gestos concretos. (...) o samaritano faz-se próximo, pois se quisermos ajudar alguém não podemos pensar em manter-nos à distância, devemos envolver-nos, sujar-nos, talvez

contaminar-nos; faz curativos nas suas feridas depois de as ter limpado com azeite e vinho; carrega-o na sua cavalgadura, isto é, responsabiliza-se por ele, pois só ajudamos verdadeiramente se estivermos dispostos a sentir o peso da dor do outro; leva-o para uma hospedaria, onde gasta dinheiro, “dois denários”, mais ou menos dois dias de trabalho; e compromete-se a voltar e eventualmente a pagar mais, porque o outro não é um pacote a entregar, mas alguém de quem devemos cuidar»^[4]. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a ter um coração de mãe como o dela, que nos leve a ter uma compaixão concreta pelas pessoas que estão próximas de nós.

.....

[1] São Josemaria, Instrução, maio 1935 – setembro 1950, n. 75.

[2] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 80.

[3] Leão XIV, Audiência, 28/05/2025.

[4] *Ibid.*

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-xv-domingo-do-tempo-
comum-ciclo-c/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-xv-domingo-do-tempo-comum-ciclo-c/) (07/08/2025)